

TEMPO, PRAZER E SOFRIMENTO NA PÓS-GRADUAÇÃO: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE DISCENTES DE DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

SILAS DIAS MENDES COSTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

SAMARA DE MENEZES LARA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

JANE KELLY DANTAS BARBOSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

LETÍCIA ROCHA GUIMARÃES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

Agradecimento à orgão de fomento:

CNPq, Capes, Fapemig

TEMPO, PRAZER E SOFRIMENTO NA PÓS-GRADUAÇÃO: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE DISCENTES DE DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

1. INTRODUÇÃO

A educação continuada, ulterior à graduação, está relacionada a uma estratégia de desenvolvimento profissional daqueles que têm interesse em aprimorar o curso superior. Historicamente, a pós-graduação no Brasil iniciou-se nos anos de 1930 e permanece em desenvolvimento nos dias atuais (ANDRADE *et al.*, 2018). Em 1976, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) deu início a um processo de avaliação do nível de qualidade dos cursos de pós-graduação no país, estabelecendo alguns requisitos e métricas que são repassados às Instituições de Ensino Superior – IES – com o propósito de assegurar a qualificação dos cursos, dos docentes e discentes (CAPES, 2018).

Neste sentido, existe uma preocupação iminente das IES em aprimorarem os seus programas de pós-graduação através de sistemas de autoavaliação e desempenho (MARTINS, *et al.*, 2013), fazendo-se necessário compartilhá-la com os sujeitos constituintes dos programas. Os estudantes (público alvo desta pesquisa) são peças-chave neste processo e, portanto, devem enquadrar-se às exigências dos cursos para a obtenção dos títulos por eles almejados (CAPES, 2018).

À medida que os estudantes tomam conhecimento da obrigatoriedade em cumprir as exigências dos programas de pós-graduação, eles têm de adaptar o seu tempo à qualidade e à quantidade das atividades acadêmicas (BISPO; HELAL, 2013). Sobre esta questão temporal, Grisci (1999) afirma que a sensação do tempo “voar” faz com que as pessoas tendam a perceber como bem aproveitado apenas o tempo produtivo. Segundo a autora, isso se justifica para os indivíduos que se deparam com acelerado ritmo de trabalho, ocasionando alta compressão do tempo não só no trabalho, mas também fora dele (GRISCI, 1999).

Deste modo, “fazer a tempo” todas as atividades no período pretendido ou necessário pode culminar em questões que vão além da racionalidade, como sentimentos de prazer - quando se consegue fazer as atividades pretendidas - e sofrimento - quando não se consegue fazer as atividades ou não se sabe ao certo quais são as consequências para concluir tudo que é exigido aos discentes (BISPO; HELAL, 2013). Referindo-se a sentimentos de prazer, o reconhecimento, a satisfação e a utilidade do trabalho afetam positivamente as vivências dos indivíduos. Entretanto, o prazer pode surgir como recompensa após experiências de sofrimento, a depender de cada situação e do valor que os indivíduos atribuem a cada vivência (ANJOS; MENDES, 2015).

Especificamente sobre o trabalho, se os desejos e as expectativas dos indivíduos não são atendidos, a insatisfação pode levar à perda de significado naquilo que se faz e a díade prazer-sofrimento pode tornar-se desproporcional ao ressaltar os sentimentos de sofrimento (DEJOURS, ABDOUCHELI; JAYET, 1994; MORIN, 2001). Essa díade constitui elemento central para a Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS, 1992) e Alderson (2004) corrobora aos estudos iniciados por Dejours (1992) ao asseverar que a Psicodinâmica do Trabalho considera o prazer e o sofrimento inerentes a toda situação de trabalho, ou seja, estas vivências são passíveis de serem experimentadas em diferentes ocupações.

Neste estudo, considera-se como trabalho a atividade intelectual desenvolvida por estudantes de pós-graduação de mestrado e de doutorado de diversas áreas do conhecimento. Relacionando este tipo de trabalho ao tempo que os discentes têm disponível para o cumprimento de suas obrigações, eles podem deparar-se com sentimentos de prazer e sofrimento (BISPO; HELAL, 2013) ao longo da realização e entrega das suas atividades em tempo hábil. Diante do exposto, o objetivo que norteou a pesquisa foi compreender as percepções de discentes de mestrado e doutorado em relação ao tempo, ao prazer e ao sofrimento vivenciados durante o período da pós-graduação.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Tempo e Percepções Temporais

Com base em expressões popularmente conhecidas, afirma-se que o tempo é o melhor remédio, é o senhor da razão, é dinheiro, que o tempo não para e que não temos tempo a perder. Mas, afinal, o que é o tempo? Saber o que é o tempo parece algo intuitivo, mas quando se é questionado sobre seu conceito e explicação, percebe-se o quanto a busca de definições e consensos acerca desse fenômeno pode ser uma tarefa difícil (WHITROW, 2005). Questionamentos e reflexões em torno do tempo ocorrem desde os primeiros séculos da era cristã, permearam as mentes de pensadores como Santo Agostinho e ainda hoje instigam reflexões (MELLO; TONELLI, 2002a), sendo alvo de estudos de diversas áreas do conhecimento, como história, antropologia, psicologia, sociologia, biologia, arte, religião, filosofia e física (ELIAS, 1998).

Nada ocorre alheio ao tempo e ele constitui um meio de orientação indispensável para a sociedade, sendo considerado uma construção social (CHANLAT, 1996; ELIAS, 1998; BERGER E LUCKMANN, 2004; LECCARDI, 2005; WHITROW, 2005). A partir do momento em que a humanidade passou a ter consciência do tempo e, posteriormente, passou a mensurá-lo, sua relação com ele foi se alterando paulatinamente. Antes encarado como algo linear, o tempo passou a ser visto como algo irregular, cheio de bifurcações e dimensões, frente a uma velocidade que ocasiona incerteza e instabilidade (GRISCI, 1999), diante da representação de um tempo que “voa” e é permeado pela insegurança. Nesse sentido, embora os estudos sobre a temática tenham avançado, se torna comum o sentimento de que quanto mais avançam os esforços para compreensão e controle sobre o tempo, mais parece que as pessoas são escravizadas por ele (MELLO; TONELLI, 2002b).

Considerando o campo da Administração, os estudos abordando o tempo constituem uma preocupação mais recente (VERGARA; VIEIRA, 2005) e podem ser considerados ainda dispersos, pouco numerosos e não sistemáticos (LEE; LIEBENAU, 1999; MELLO; TONELLI, 2002a), embora seja reconhecida a importância e influência que o tempo possui sobre diversos conceitos da Administração, como aqueles relativos à gestão, finanças, estratégias, planejamento, produção e marketing; e também sobre as crenças, vivências e atitudes dos sujeitos organizacionais (LOMBARDI; HANASHIRO, 2010).

Em levantamento recente acerca dos estudos sobre o tempo nas organizações, Barbosa (2017) realizou uma pesquisa sobre os artigos publicados envolvendo a temática, no período de 2007 a 2017, através do site *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL). Dos 259 artigos encontrados na busca, após uma triagem com base nos títulos e resumos de cada um, esse número foi reduzido para 26 artigos que tratam diretamente do tempo nas organizações. Dentre eles, 22 são estudos de abordagem qualitativa (sendo sete deles ensaios teóricos), dois de abordagem quantitativa e dois de abordagem quantitativa e qualitativa. Em relação aos sujeitos de pesquisa abordados foi percebida uma diversidade que envolve docentes, executivos, bancários, gerentes, vigilantes, profissionais que trabalham em *shopping centers*, restaurantes e panificadoras (BARBOSA, 2017).

Uma vez que existem muitos aspectos a serem desnudados sobre o tema (PAIVA *et al.*, 2011) é perceptível o espaço que se abre para reflexões em torno do tempo na Administração e no mundo do trabalho. Contudo, diante das dificuldades em conceituar o tempo, que não tem delimitações claras e unívocas, surgem diferentes classificações e perspectivas relativas ao tema. Como exemplo, temos a tipologia de Butler (1995), abordando o tempo cronológico (mensurável), o tempo orgânico (processual e coletivo), o tempo estratégico (político e negociado) e o tempo espasmódico (contraditório e elástico). Hassard (2001), por sua vez, aborda o tempo cronológico (mensurável), o tempo simbólico (percebido) e o tempo pós-moderno (simultâneo e comprimido). Já Jönsson (2004) traz o tempo

cronológico (mensurável), vivido (experimentado), de lazer (dedicado ao descanso) e tempo de parada (pausa necessária para o indivíduo se organizar antes de iniciar uma tarefa). Tais classificações permitem que seja notada a separação realizada entre o tempo objetivo, aquele representado pelo relógio e pelo calendário, facilmente mensurado; e o tempo subjetivo, relacionado às percepções, preferências e vivências de cada indivíduo.

O tempo pode ser percebido e vivido de formas heterogêneas pelos indivíduos (BLUEDORN; JAUSSE, 2007) e o tempo subjetivo destaca-se do tempo objetivo, o que facilmente pode ser observado considerando que, segundo uma visão simplista, o tempo é o “mesmo para todos”, contudo, quando se realiza alguma atividade que atrai ou provoca emoções positivas, tem-se a sensação de que o tempo passa mais rápido e, por outro lado, quando se está passando por emoções negativas ou vivenciando atividades que são pouco atrativas, parece que o tempo passa extremamente devagar (VASILE, 2015).

Chamando atenção às diferentes percepções que os sujeitos podem ter acerca do tempo para lidar com a vida e o trabalho, Bluedorn e Jaussi (2007) elencam cinco dimensões temporais, a saber: policronicidade, velocidade, pontualidade, profundidade temporal e arrastamento, que se subdivide em três: sincronia, liderança, condução. Segundo os autores, tais dimensões temporais se relacionam com aspectos individuais, grupais, organizacionais e culturais e, além disso, produzem impacto no desempenho laboral, nas lideranças, nos relacionamentos e na produtividade (BLUEDORN; JAUSSE, 2007).

A policronicidade envolve uma preferência do sujeito, seja consciente ou inconsciente, de se envolver em uma ou diversas atividades no mesmo período de tempo, de forma intercalada ou sobreposta. Essa dimensão temporal pode ser representada por um contínuo, com graus diferenciados, do qual resultam pessoas policrônicas, que se envolvem em diversas tarefas no mesmo período de tempo, e pessoas monocrônicas, que representam a preferência por finalizar cada tarefa para então iniciar outra (BLUEDORN; JAUSSE, 2007). A velocidade se relaciona ao número de atividades desenvolvidas a cada unidade de tempo e também pode ser representada por um contínuo que varia de rápido a lento. Já a terceira dimensão temporal, pontualidade, significa estar no tempo ou prazo determinado, sendo associada à objetividade e facilidade de mensuração através de relógios e calendários, embora caiba frisar que a pontualidade possui elementos de construção social e pode variar conforme fatores individuais e contextuais (BLUEDORN; JAUSSE, 2007).

A profundidade temporal se refere à distância temporal percebida entre passado e futuro, em que se pode estar mais sincronizado com um ou outro. Essa dimensão envolve dificuldades de racionalização acerca de uma preferência, dada a compressão crescente do tempo nos espaços laborais e na sociedade contemporânea (PAIVA; SOUZA, 2016). E, por fim, o arrastamento temporal se relaciona ao ajustamento do ritmo a outras atividades e/ou outras pessoas, se dividindo em: sincronia, na qual as fases dos ritmos ocorrem ao mesmo tempo; liderança, na qual as fases dos ritmos “arrastados” ocorrem antes do ritmo mais forte ou “arrastante”; e condução, na qual as fases dos ritmos “arrastados” ocorrem após o correspondente ritmo mais poderoso ou “arrastante” (BLUEDORN; JAUSSE, 2007).

A heterogeneidade que envolve as formas de se situar em relação ao tempo envolve implicações em termos de adequação (maior ou menor) do sujeito ao tipo de trabalho realizado, impactando em suas vivências laborais e trazendo, assim, a necessidade de compreender e gerenciar tal heterogeneidade. Diante do exposto e das possibilidades que se abrem ao abordar o tempo, reflexões acerca de sua interseção com as vivências de prazer e sofrimento no trabalho, tema abordado a seguir, se tornam relevantes.

2.2 Prazer e Sofrimento no Trabalho

A psicodinâmica do trabalho compreende a relação entre o homem e a organização do trabalho, sendo que essa relação perpassa evoluções e transformações que estão em contínuo

movimento (DEJOURS, 2008). Dessa forma, a abordagem da psicodinâmica do trabalho centra-se na inter-relação entre o prazer, o sofrimento psíquico e as estratégias defensivas ou estratégias de mediação utilizadas pelos trabalhadores para lidar com o sofrimento de forma a minimizá-lo ou transformá-lo em prazer (FERREIRA; MENDES, 2001; MENDES, 2007).

O trabalho pode ser fonte de vivências de sofrimento e de prazer ao mesmo tempo, sendo tais vivências indissociáveis ao ambiente laboral (DEJOURS, 2012), onde cada sujeito as percebe de maneira diferente (MENDES; TAMAYO, 2001). O sofrimento decorre dos conflitos frutos do encontro do sujeito possuidor de uma história precedente, repleta de anseios e desejos, com a realidade de trabalho que muitas vezes os desconsidera (FERREIRA; MENDES, 2001).

Segundo Mendes (2007), o sofrimento no trabalho advém do esgotamento profissional e da falta de reconhecimento, sendo o esgotamento profissional fruto de frustrações, insegurança, desgaste e estresse; e a falta de reconhecimento vinculada à desvalorização e ao não reconhecimento do trabalho. Na luta contra o sofrimento, o sujeito pode elaborar soluções que, de acordo com os seus impactos à saúde e à produção, culminam no sofrimento criativo ou patogênico. No caso do sofrimento criativo, o sujeito consegue resultados favoráveis à produção e à saúde, o que não ocorre no sofrimento patogênico, em que os resultados são desfavoráveis a ambas. O sofrimento patogênico se dá quando existe, por parte dos superiores dos trabalhadores, uma negação da discordância não mitigável entre a organização do trabalho prescrita e organização do trabalho real (DEJOURS, 1996). Assim, o trabalhador sofre ao ter de um lado o trabalho prescrito composto pelas previsões, prescrições e os procedimentos e, por outro, a realidade (trabalho real) que abarca os imprevistos, a resistência aos procedimentos, o saber-fazer, a técnica e o conhecimento (DEJOURS, 2004). Diante da distância entre trabalho real e prescrito o trabalhador experimenta a frustração, o sofrimento e o sentimento de fracasso. No entanto, é na lacuna entre o trabalho real e prescrito que o trabalhador pode mobilizar sua inteligência prática, refletir sobre sua atividade, interpretar e reagir às situações adversas, criar e ter autonomia (UCHIDA, 1998; DEJOURS, 2004; MENDES, 2007).

Não obstante, a relação entre trabalhador e organização também pode ser fonte de prazer (DEJOURS, 1996). O prazer nas organizações é vivenciado quando o trabalhador percebe liberdade de expressão e realização profissional (MENDES, 2007) e experimenta os sentimentos de valorização e reconhecimento (MENDES e TAMAYO, 2001). O sentimento de valorização abarca o sentido e valor por si só sendo significativo para a organização e sociedade (MENDES e TAMAYO, 2001). Já o reconhecimento está ligado ao fato de necessitar da validação, ou seja, do julgamento do outro para reconhecer as suas contribuições e seu desempenho, desdobrando-se em dois julgamentos específicos: reconhecimento por julgamento de utilidade, que se vincula à utilidade econômica, social ou técnica da contribuição oferecida pelo trabalhador à organização do trabalho e pode ser realizado por atores que usufruem da qualidade do trabalho, como os superiores, por exemplo; e julgamento estético, proferido pelos pares que avaliam a conformidade do trabalho realizado às regras da arte e do ofício, avaliando sua beleza e utilidade, e que se torna significativo ao trabalhador por fazê-lo pertencente a uma equipe, a uma comunidade profissional (DEJOURS, 2012).

Por outro lado, a ausência de reconhecimento pode impedir a transformação do sofrimento em prazer, ocasionando acúmulos que irão direcionar o indivíduo a uma dinâmica patogênica de descompensação psíquica ou somática (DEJOURS, 2008). Nesses casos de não reconhecimento o sujeito pode utilizar das estratégias defensivas para lutar contra o sofrimento e evitar a doença mental, o que funciona como um modo de proteção. Essas estratégias são dinâmicas e dependem principalmente da situação a que o sujeito está exposto, mas no geral possuem características de sutileza, engenhosidade, diversidade e inventividade (MENDES, 2007). Porém, as estratégias defensivas podem expandir-se para o espaço privado

e economia familiar do sujeito, podendo interferir nas suas relações com os membros familiares e sendo prejudicial às suas relações afetivas (DEJOURS, 2008).

2.3 O contexto da pós-graduação

No contexto da educação universitária brasileira, a pós-graduação diz respeito a um sistema educacional que comporta as modalidades de ensino *stricto sensu* (cursos de mestrado e doutorado) e *lato sensu* (cursos de aperfeiçoamento e especialização) seguindo parâmetros normativos do Conselho Federal de Educação (BRASIL, 2009) e possuindo reconhecimento nacional e internacional pela comunidade científica, sobretudo por conta das políticas públicas e pelo seu formato, que entre outras coisas, possibilita sua expansão contínua por meio de ações direcionadas para o setor (SANTOS; AZEVEDO, 2009).

A Coordenação de Aperfeiçoamento Profissional do Ensino Superior (CAPES) é o órgão regulador dos Programas de Pós-Graduação (PPGs), que autoriza o funcionamento do programa e o avalia periodicamente. Os PPGs atendem às demandas determinadas pela CAPES e, por sua vez, os coordenadores dos cursos, juntamente com os técnicos administrativos e os professores, buscam alinhar as atividades do programa a essas demandas, de modo a assegurar o seu funcionamento e a sua qualidade, avaliada quadrienalmente a partir de requisitos estabelecidos pela própria CAPES.

Frente a essas relações estabelecidas entre diferentes atores e a cobrança por produtividade pode haver um conflito entre o tempo estabelecido para entrega de atividades, sejam elas de pesquisa ou não, e o tempo disponível para sua execução, como sugerido em um estudo realizado por Bispo e Helal (2013) com mestrandos do curso de Administração. Além disso, é possível considerar, ainda, que submetidos a novos ritmos e práticas, diferentes dos estabelecidos na graduação, alguns pós-graduandos nem sempre tem preparo suficiente para a prática da pesquisa e reflexão sistemática, fatores que, aliados à questão temporal podem desencadear certo desconforto.

Algumas pesquisas que analisam a questão do estresse no contexto da pós-graduação têm indicado que os discentes, de maneira geral, estão expostos a agentes estressores em sua rotina de formação, como níveis de produtividade e o volume de atividades curriculares que, em alguns casos, podem implicar na escassez de tempo para as atividades acadêmicas ou mesmo para atividades da rotina pessoal (SOUZA; FADEL; FERRACIOLI, 2016). Questões como a dinâmica e as práticas pedagógicas inerentes a pós-graduação, o papel do orientador e outros aspectos também podem interferir na gestão do tempo e desencadear situações de bem ou mal estar nos alunos.

Diante deste cenário, sugere-se ter expressividade pesquisar sobre as percepções de tempo e as vivências de prazer-sofrimento experimentadas por pós-graduandos de diferentes áreas do conhecimento. Para tanto, realizou-se a presente pesquisa considerando os procedimentos metodológicos descritos a seguir.

3. METODOLOGIA

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, de compreender as percepções de estudantes de mestrado e doutorado em relação ao tempo, ao prazer e ao sofrimento vivenciados durante o período da pós-graduação, foi realizado um estudo qualitativo-hermenêutico considerando uma amostra de 25 pós-graduandos de diferentes áreas de conhecimento científico. O uso da hermenêutica tem como propósito interpretar discursos a partir dos relatos dos participantes considerando aspectos contextuais (DEMO, 1989). A interpretação envolve aceitar ambiguidades e idiosincrasias carregadas de sentido, muitas vezes cercado de contradições, trazendo a fala dos alunos, o que oportuniza desvelar questões pertinentes ao estudo.

Neste sentido, tem-se como unidade de observação da pesquisa pós-graduandos da modalidade *stricto sensu* vinculados a diferentes programas de pós-graduação de instituições de ensino superior, localizadas no Brasil. A unidade de análise, por sua vez, se refere às percepções desses estudantes acerca de tempo, prazer e sofrimento na pós-graduação. A seleção dos participantes da pesquisa considerou o critério de acessibilidade (VERGARA, 2009) e a coleta de dados foi realizada por meio de questionário eletrônico composto por perguntas abertas, além dos dados demográficos. O questionário foi divulgado através da rede de contatos dos pesquisadores em grupos fechados, na rede social Facebook. Aos participantes da pesquisa foi certificado que as informações coletadas seguiram os preceitos de confidencialidade e sigilo. Desse modo, as respostas obtidas foram identificadas por meio de códigos, como por exemplo, R1, R2..... R25.

Após preenchimento online dos questionários, os dados foram tabulados e analisados por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2008) considerando três etapas; i) coleta e leitura das respostas; ii) categorização temática e iii) interpretação dos dados. No que diz respeito à análise dos dados, o estudo baseou-se nas dimensões temporais propostas por Bluedorn e Jaussi (2007), a saber: i) policronicidade, ii) velocidade, iii) pontualidade, iv) profundidade e v) arrastamento. Em relação à díade prazer-sofrimento, considerou-se os fatores realização profissional e liberdade de expressão (associados ao prazer) e falta de reconhecimento e esgotamento profissional (associados ao sofrimento) (MENDES, 2007).

Na seção seguinte são apresentadas as características dos sujeitos participantes e, na sequência, a análise e interpretação dos resultados obtidos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antecedendo a interpretação e análise das respostas se faz relevante caracterizar os respondentes da pesquisa. Majoritariamente os participantes da pesquisa são do sexo feminino (80%), com idade entre 26 e 30 anos (56%), seguidos daqueles com 31 a 35 anos (24%). O estado civil predominante é solteiro(a) (56%) e a cor de pele declarada pela maioria é branca (76%). Em relação ao curso de pós-graduação desses respondentes, 64% são alunos de doutorado e 36% de mestrado; 88% são bolsistas e 96% possuem dedicação exclusiva ao curso. Os respondentes estão distribuídos nas áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias e Linguística, Letras e Artes (12% deles em cada); e instituição de ensino na qual estão vinculados localiza-se principalmente nas regiões sudeste (48%) e sul (28%) do Brasil.

4.1 Percepções temporais

No que tange às percepções temporais dos pós-graduandos, foi questionado como os mesmos se sentem em relação ao tempo de que dispõem para realizar as atividades que precisam e gostariam de fazer, sempre solicitando exemplos. As respostas indicaram que a maioria deles (16) se considera sem tempo, outros consideram ter tempo suficiente (06) e os demais (03) afirmaram que depende das demandas que possuem em cada período.

Ao ser selecionado no processo de pós-graduação, a expectativa que tinha era de que com uma boa “gestão de meus horários”, conseguiria realizar tanto o trabalho, do qual em geral eu gosto, quanto poderia realizar atividades além do mesmo que sempre me fizeram bem. Hoje, durante o curso, sinto como se meu tempo de pesquisa sempre fosse insuficiente, e mesmo quando tento realizar outras atividades, as mesmas são contingenciadas pela noção de que eu deveria estar fazendo outra coisa. As atividades que eu gostaria de realizar, de tal modo, costumam elas mesmas deixar de ser prazerosas, na medida em que passam a ser experimentadas com um misto de culpa [...]. Assim, a sensação que tenho é de que meu tempo todo é convertido em um tempo produtivo, porém gasto com tarefas não-produtivas, independente de quais sejam (R16).

Sem tempo, nunca tenho tempo para lazer. Quando me obrigo a ter, fico sempre pensando no que eu deveria estar fazendo (R8).

Dentre aqueles que se consideram com tempo suficiente (R4, R6, R11, R17, R18, R23) foi percebido que eles analisam essa questão de acordo com a gestão que fazem do seu tempo, tendo a capacidade de realizar planejamentos adequados às suas atividades, dentre os quais apenas um respondente (R23) disse ter tempo suficiente, embora não consiga administrar bem esse tempo, trazendo para si mesma a culpa. Em relação àqueles que afirmaram que depende do período (R7, R10, R19) as respostas indicaram que em épocas de qualificação, defesa de dissertação ou tese, provas e trabalhos “muito articulados” o tempo fica escasso.

No que diz respeito à maioria dos respondentes que afirmou se sentir sem tempo, as respostas foram direcionadas para falta de tempo para dormir, descanso, lazer, prática de esportes, atividades ao ar livre, palestras extracurriculares, exercícios físicos, *hobbies* e convivência com a família e cônjuges. Foi mencionada, ainda, a dificuldade referente ao deslocamento e ao uso do transporte público (R14, R21), considerando que alguns alunos moram em cidades diferentes de onde estudam ou em bairros distantes da instituição de ensino que frequentam. Além disso, como destacado nos relatos anteriores, foi comum a expressão do sentimento de culpa quando os respondentes separam algum tempo para o lazer ou atividades que fogem das exigências da pós-graduação e de um “bom lattes”.

Sobre a forma com que lidam com o seu tempo foi perceptível que os finais de semana, feriados, períodos de descanso e de lazer são sacrificados ou giram em torno da pós-graduação para muitos dos estudantes (R1, R2, R3, R15, R16, R20, R21), como pode ser visto nos relatos a seguir.

Não deixo acumular tarefas. Sacrifício finais de semana e momentos familiares para colocar as tarefas acadêmicas para não me enrolar com as tarefas (R1).

Eu passava entre 10 e 12 horas ao dia em laboratório, então no restante do tempo eu tentava suprir as necessidades básicas, preenchia planilhas com resultados e fazia mais algumas coisas que meu orientador mandava. Nunca cumpria tudo que precisava e deixava tudo de lado para conseguir terminar (R2)

Coloco as atividades da pós como prioridade, depois cuido das demais demandas (R21).

A maioria dos pós-graduandos (R4, R5, R6, R7, R9, R13, R14, R17, R18, R19, R22) formulou suas respostas, novamente, indicando seus esforços, sejam bem sucedidos ou não, em gerenciar o próprio tempo, descrevendo como organizam sua agenda e suas tarefas diárias. Os respondentes R12 e R23 ressaltaram o estresse vinculado a essa rotina, sendo que R12 afirmou tomar remédio para lidar com isso e R23 disse que, apesar de estressante, no final tudo acaba dando certo.

A pergunta sobre a forma com que os pós-graduandos lidam com o seu tempo tangenciou a questão da pontualidade em diversos relatos (R8, R10, R11, R24, R25), nos quais eles associaram as respostas ao atraso. Na pergunta específica sobre pontualidade, em relação às demandas da pós-graduação, 20 respondentes, o que corresponde a 80% deles, se autodeclararam como pontuais, por outro lado, 20% se posicionaram de forma contrária (R13, R15, R16, R23, R24). Entre aqueles que se consideram pontuais, as respostas acerca dessa dimensão temporal remetem a compromissos como aulas, reuniões, encontros para orientação e estágio. Quando considerada, por exemplo, a entrega de atividades verifica-se que a pontualidade é percebida por eles como menos frequente. Os fragmentos abaixo elucidam as experiências com a pontualidade relatadas pelos pós-graduandos:

Sou praticamente um inglês, sempre chego antes de qualquer compromisso, e sempre entrego tudo no prazo solicitado (R11).

Gosto de chegar nos lugares na hora proposta, para não perder nenhum conteúdo ou coisa do tipo. Me deixa muito mal chegar atrasada aos compromissos da pós-graduação (R19).

Não, sempre entreguei minhas (atividades) atrasadas. Um exemplo mesmo foi a versão final da dissertação, entreguei depois de um ano da defesa (R13).

Não sou pontual e sempre tento esticar prazos. Mais uma vez, o ciclo vicioso da procrastinação faz com que eu acabe esperando e torcendo por “dilatação” de prazos (R23).

A pontualidade associa-se a objetividade no sentido de cumprir o tempo (horário) ou prazo determinado (BLUEDORN; JAUSSE, 2007). Por envolver fatores individuais e contextuais é possível que aqueles que não conseguem realizar ou entregar atividades no prazo ou comparecer a compromissos no horário marcado precisem adotar uma forma diferente de organização das demandas. Essa inferência baseia-se no fato de que 80% dos respondentes conseguem ser pontuais, sugerindo que as demandas e compromissos sejam factíveis e exequíveis, embora verifique-se o consenso entre os pós-graduandos do excesso de atividades.

Considerando as preferências dos respondentes em realizar uma atividade por vez ou várias atividades no mesmo período de tempo, as respostas indicaram que a preferência majoritariamente (18) é pela monocronia, ou seja, realizar uma atividade por vez e finalizá-la, para então se engajar em outra. Dentre os 18 respondentes que demonstraram preferência pela monocronia, metade deles (R1, R3, R5, R6, R8, R13, R15, R16, R24) afirmou que, apesar de sua preferência, precisa adotar comportamentos policrônicos.

Quando possível prefiro realizar tarefas individuais, mas às vezes começo A e B, mas surge C com prazo de entrega menor então foco em C. Enfim, nem sempre consigo focar em uma tarefa (R1).

Uma de cada vez, mas é difícil. Então fazemos tudo junto, misturado e atropelado (R3).

Uma de cada vez, mas é muito difícil na pós graduação principalmente se for mestrado, várias atividades ao mesmo tempo (R13).

Dentre os respondentes apenas sete revelaram preferência por comportamentos policrônicos (R10, R12, R14, R17, R18, R20, R23), justificando que trabalham melhor alternando as tarefas e que, dessa forma, suas demandas se tornam menos cansativas e mais dinâmicas, ou, ainda, que se engajam em vários projetos com o intuito de melhorar o currículo.

Em relação à velocidade, houve um equilíbrio nas respostas, em que 11 respondentes afirmaram que se consideram lentos (R2, R4, R5, R7, R10, R11, R15, R16, R21, R23, R24), enquanto 10 se consideram rápidos (R3, R8, R9, R12, R13, R17, R18, R20, R22, R25). Foi recorrente nas falas dos respondentes a questão da comparação com os demais colegas de pós-graduação para então se classificar no contínuo de rápido a lento, como é possível ver nos relatos:

Bem lenta. Costumo levar mais tempo que a média tanto para ler quanto para escrever artigos, etc. (R4).

De uma forma geral, mais rápida. Me foi pedido para escrever um projeto de pesquisa, e fiz isso mais rápido do que vi outros colegas fazerem (R9).

Me considero muito mais rápido que a média. Por exemplo, estou bem avançado na minha tese, comparado aos meus colegas, meu próprio orientador me disse isso (R18).

Essa prática da comparação do rendimento e da velocidade entre os pós-graduandos pode constituir um fator nocivo para os mesmos, uma vez que é desconsiderado que as pessoas lidam com suas atividades e com seu tempo de forma heterogênea, não implicando em resultados de qualidade superior ou inferior o fato de uma pessoa ser policrônica e/ou rápida, em detrimento de outra monocrônica e/ou lenta (BLUEDORN; JAUSSE, 2007). Além destes, os demais respondentes (R1, R6, R14, R19) não se situaram nos polos do contínuo da velocidade, afirmando em suas respostas que sua velocidade varia conforme a atividade ou que estariam no “meio termo”.

Quanto à conexão temporal com o passado ou o futuro, há uma variedade de posicionamentos entre os discentes, embora a maioria deles (13) indique uma tendência de estar mais ligada ao futuro (R6, R10, R11, R12, R14, R15, R17, R18, R20, R21, R22, R23, R24). Entre os demais, um não soube informar (R1), três se dizem apegados tanto ao passado quanto ao futuro (R2, R4, R16), seis ao passado (R5, R7, R8, R13, R19, R25) e dois ao presente (R3, R9). As narrativas a seguir contribuem para a compreensão da diversidade relacionada à profundidade temporal relatada pelos pós-graduandos:

Acredito que ambos. Do passado tenho apego aos sonhos que eu tinha na época (objetivos de estudar fora do país, etc), com relação ao futuro também, já que meu grande objetivo é conseguir uma bolsa para fazer doutorado fora (R4).

Em relação à pós-graduação, mais apegada ao futuro, devido a uma certa ansiedade em relação a qualificação e defesa, principalmente quando considero o volume de resultados experimentais que serão obtidos até estes eventos (R15).

Futuro. Estou me dedicando muito para ter um futuro melhor, futuro esse que não é garantido. Dessa forma, sofremos muito pensando no futuro (R20).

Às vezes lembro bastante do passado, as experiências do mestrado, e em alguns momentos me polio para não fazer isso, pois esse momento é diferente e o foco é construir um futuro melhor (R25).

A maior conexão com o futuro relatada pela maioria está associada aos sentimentos de “insegurança” e “expectativa” que vivenciam. Muitos demonstraram considerar a pós-graduação um grande investimento e projetar-se no futuro imaginando o retorno que terão em contrapartida. A expectativa também envolve, em certa medida, a incerteza da compatibilidade desse retorno obtido e aquilo que foi imaginado, além dos resultados e andamento de suas atividades, dissertações e teses.

Por fim, no que se refere à questão do arrastamento, nos relatos de todos os respondentes foi percebida a questão do alinhamento ao tempo ou ritmo de terceiros. Nas respostas de 12 deles (R2, R4, R5, R6, R7, R9, R12, R15, R16, R19, R21, R24) foi identificado o arrastamento por condução, quando o ritmo “arrastado” ocorre após o correspondente ritmo mais poderoso ou “arrastante” (BLUEDORN; JAUSSI, 2007). Exemplos seriam situações em que os orientadores ou professores conduzem os ritmos por meio de metas e prazos, levando os alunos a determinado comportamento e planejamento, como enfatizam R2: “Meu orientador quer tudo para ontem, ditou meus horários no laboratório e as datas de entrega”; e R19 “Quem determina o ritmo das minhas atividades são os professores e seus calendários acadêmicos, que muitas vezes não são pensados para nossa máxima compreensão porque se chocam uns com os outros. Eles e os seus prazos é que definem como eu irei me planejar para organizar melhor minha pós graduação”.

Considerando a questão da liderança, na qual as fases dos ritmos “arrastados” ocorrem antes do ritmo mais forte ou “arrastante” (BLUEDORN; JAUSSI, 2007), constatou-se que seis dos pós-graduandos (R8, R10, R11, R14, R20, R23) se programam para atender as demandas do PPG, do orientador ou demais professores, conduzindo o ritmo para atender aos prazos, como exemplificado por R11: “Eu mesmo, na verdade tenho um chefe interior que me cobra constantemente”. Já outros cinco respondentes (R1, R3, R13, R18, R25) apresentaram relatos relacionados ao arrastamento por sincronia, no qual as fases dos ritmos ocorrem ao mesmo tempo, o que pode ser visto através dos relatos que demonstram a constante comparação com os demais colegas, como afirma R7: “Minha escrita é bastante truncada, não sinto ser fluida, comparando com outros amigos pós-graduandos, por exemplo”. Por fim, um aluno não apresentou elementos na resposta que fossem suficientes para identificar a subdimensão do arrastamento.

4.2 Vivências de prazer e sofrimento

Em relação às percepções das vivências de prazer e sofrimento dos pós-graduandos, inicialmente eles foram questionados sobre suas fontes de prazer na pós-graduação e suas

respostas perpassaram tanto a vida acadêmica quanto a vida fora da academia. Analisando as atividades relacionadas ao prazer, não vinculadas à pós-graduação, é possível perceber que eles utilizam-nas como forma de aumentar as fontes de prazer do contexto acadêmico e ou de maneira compensatória do prazer que não experimentam no ambiente acadêmico (UCHIDA, 1998).

Dentre os prazeres não vinculados à pós-graduação, o único aspecto citado por mais de um respondente foi a convivência com os amigos. Essa fonte de prazer foi citada em 10 falas (R1, R2, R4, R5, R8, R11, R14, R15, R17, R21) e, com base nas respostas, pode-se inferir que os pós-graduandos pesquisados vivenciam prazer ao desenvolverem relações significativas com amigos do meio acadêmico (amigos de grupo de pesquisa e sala de aula), além de amigos externos a esse meio (MENDES; TAMAYO, 2001). Uma fala que destoou da maioria dos respondentes foi a de R16, que cita como prazer as afetividades nos relacionamentos, mas deixa claro que são raras no meio acadêmico.

Ligadas a pós, especificamente, a parte mais interessante tem sido a criação de redes com pesquisadores com perspectivas similares e, à parte disso, e mais importante, as afetividades muito raras com alguns colegas que compartilham da mesma experiência de sofrimento e, sobretudo, de condições similares de proveniência social. Estudo numa instituição particular, sou bolsista, e a experiência de bem estar e sofrimento parece muito diferente para os colegas pagantes (R16).

Os exercícios físicos como fonte de prazer foram apontados por R2, que ressalta, contudo, que a realização de exercícios físicos ou outras atividades prazerosas, como ver um filme, comer algo diferente e visitar a casa dos pais, estão diretamente ligadas à disponibilidade de tempo. A não realização de atividades como as descritas acaba trazendo sentimentos de depressão e sofrimento para o respondente. Além disso, R2 explicita que quando opta por fazer essas coisas que lhes dão prazer, precisa pagar o preço, por exemplo, deixando de dormir. Na pós-graduação a falta de tempo vincula-se principalmente aos níveis de produtividade e o volume de atividades curriculares exigidos (SOUZA; FADEL; FERRACIOLI, 2016), ocorrendo conflito entre as atividades que precisam ser desenvolvidas e o tempo disponível para executá-las (BISPO; HELAL, 2013).

Tentava na medida do possível, mas quando não conseguia, eu ficava muito deprimida. E às vezes, quando conseguia, tinha que abdicar de uma boa noite de sono, por exemplo (R2).

O pós-graduando R4, por sua vez, menciona se programar para intercalar a atividade que lhe dá prazer com as desenvolvidas na pós, como pode ser visto nas palavras dele: “Tento equilibrar meu tempo entre elas e as minhas obrigações, algo que funciona bem é ter dias certos para passar mais tempo fazendo o que eu gosto”. Mais uma vez é verificada a percepção que os pós-graduandos têm de que precisam se planejar e programar de forma correta e produtiva, o que leva a inferir que, o que foge à esse planejamento e administração do tempo, para eles se dá por culpa exclusiva dos mesmos.

No que tange aos prazeres diretamente relacionados ao contexto acadêmico, emergiram nas falas assuntos similares envolvendo conhecimento adquirido (R5); coleta de dados, leituras, disciplinas e outros cursos (R7); discussões aprofundadas com o grupo (R22), artigos publicados e capítulos de livro (R3, R9), possibilidades de publicação (R11, R18), congressos e conquistas acadêmicas (R14, R19, R20, R21), desenvolvimento e resultados positivos da pesquisa (R15, R25); e sentimento de tarefa cumprida (R9, R18). Com isso, é perceptível a ligação do prazer com o reconhecimento para esses respondentes que, ao gastarem energia para a realização de suas atividades buscam reconhecimento por meio do julgamento estético (DEJOURS, 2012), uma vez que as avaliações para publicações ocorrem por pares de trabalho que os avaliam. Esse reconhecimento da utilidade e qualidade do trabalho pode atuar no sentido de ressignificar o sofrimento vivido no desempenho das atividades, mas, como afirma R3, podem restar dúvidas se o reconhecimento basta para

compensar o desgaste sofrido: “Só o resultado do trabalho. Como artigos publicados, capítulos de livros, mas não sei o quanto isso vale a pena”.

Foram relatadas em ligação com o prazer, ainda, a melhora de qualidade de vida no futuro (R5), a possibilidade de conseguir uma bolsa sanduíche no doutorado (R14), as possibilidades de conhecer novas pessoas (R25), encontrar interessados no tema de pesquisa (R6) e criar redes com pesquisadores (R16).

As amizades e o conhecimento adquirido de alguns bons professores. Além disso a própria perspectiva de melhora da qualidade de vida no futuro já geram uma sensação boa (R5).

Seminários fora do Estado, onde colegas e interessados no meu tema de pesquisa podem se encontrar (R6).

As expectativas de um futuro melhor se relacionam com o fato de que o trabalho atual é uma promessa de um futuro melhor, no qual o indivíduo investe em algo improvável, se prendendo a uma expectativa de melhora (ANJOS; MENDES, 2015). Nesse sentido Dejours (2008) argumenta que o trabalho invade a vida pessoal do trabalhador chegando aos seus sonhos, e que está muito além dos muros de qualquer instituição, como citado pelos respondentes o prazer relacionado às redes de pesquisadores que ultrapassam o espaço físico da universidade.

Já em relação às vivências de sofrimento, a princípio buscou-se desvendar se as expectativas criadas pelos discentes em relação ao ambiente da pós-graduação, bem como à rotina, correspondiam ao que de fato eles vivem. Assim, em relação ao ambiente da pós-graduação e a rotina vivenciada há um equilíbrio nas respostas: 13 respondentes (R1, R4, R6, R8, R9, R13, R14, R15, R17, R18, R21, R22, R23) não consideram que as suas expectativas foram diferentes das suas vivências, mas os outros 12 (R2, R3, R5, R7, R10, R11, R12, R16, R19, R20, R24, R25) manifestaram-se surpresos com a realidade.

Não, eu imaginava que seria assim, mas a prática é dura (R22).

Sim. Em relação à turma da pós, muita individualidade. Em relação ao grupo de pesquisa, gostava bastante, porém todos ficavam muito estressados e deprimidos com o passar do tempo. Em relação à rotina, quando entrei, achei que poderia me organizar para conciliar a pós e a vida pessoal, mas não foi o que aconteceu (R2).

Este panorama corrobora ao que a literatura traz sobre desejos e expectativas que os indivíduos criam em relação à atividade que exercem, ao passo que quando estes não são correspondidos, podem levar a uma perda de significado do trabalho e consequente sofrimento (DEJOURS, ABDOUCHELI; JAYET, 1994; MORIN, 2001).

No que tange às fontes de mal estar ou de sofrimento na pós-graduação, os discentes destacaram diversas experiências permeadas pela insatisfação, a depender da realidade de cada um (MENDES; TAMAYO, 2001). Observa-se que os sentimentos de cobrança e pressão estão associados à percepção temporal para a maioria dos respondentes (R1, R2, R3, R7, R9, R13, R15, R18, R19, R21, R22, R23, R24), salientando o sofrimento que decorre da maneira com a qual cada um lida com o seu tempo e a distribuição de suas demandas.

Quando a pressão é mais intensa as atividades dão errado, o tempo é curto, falta de ajuda de orientador (R13).

Também os prazos. Isso gera sofrimentos mentais diversos como ansiedade. Se eu conseguir realizar as coisas no prazo, organizar os seminários e escrever eu me sinto bem, mas se eu não conseguir fazer isso, vou me sentir mal, frustrada e inútil na pós-graduação, menos capacitada que o resto da turma (R19).

Dificuldade em atender todas as matérias. Correria para chegar nas aulas da tarde, pois eu trabalho (R22).

Outra categoria levantada nas falas dos respondentes se vincula à falta de dinheiro. Sete discentes (R2, R5, R12, R14, R16, R23, R24) revelaram desgastes que corroboram ao sofrimento por não terem recursos financeiros suficientes ao longo da pós-graduação. O valor da bolsa que os programas de mestrado e doutorado oferecem foi mencionado como

inadequado para R2, R5, R14, seja pela desvalorização da atividade acadêmica, seja pela subsistência daqueles que dela necessitam para sobreviver. Consoante a Mendes (2007), a desvalorização do trabalho é uma das causas que levam um indivíduo a sofrer.

Em contrapartida àqueles que associaram as relações interpessoais com o prazer, 14 respondentes mencionaram que as relações interpessoais estabelecidas no ambiente acadêmico são fontes de mal estar. Deste modo, emergiram das falas, quatro categorias: relação orientador-professor-aluno (R2, R5, R8, R11, R13, R14, R25), competição demasiada (R4, R16, R17), briga de egos (R23, R25) e isolamento social (R2, R16).

Injustiça e professores arrogantes (R11).

Concorrência, insensibilidade de colegas, narcisismo. Me irrita muito e às vezes compro discussões que não valem a pena (R17).

Brigas, comportamentos que não condizem com a escolaridade, o sofrimento emocional dos colegas de trabalho por conta da relação aluno-orientador, e falta de interesse em comum dos orientadores pesquisadores (R25).

Essa realidade confirma que prazer e sofrimento constituem uma díade indissociável do trabalho (DEJOURS, 2012) e que é percebida de maneiras distintas por cada indivíduo, assim como o tempo, que é construído socialmente (CHANLAT, 1996; ELIAS, 1998; BERGER E LUCKMANN, 2004; LECCARDI, 2005; WHITROW, 2005).

Foram citados, ainda, como fontes de sofrimento na pós-graduação, a ansiedade (R10, R15), a exaustão (R12, R24), a frustração (R19, R20), a culpa (R16), a irritação (R17) e a injustiça (R11), corroborando achados de Bispo e Helal (2013).

Culpa, competitividade interna (no próprio grupo de pesquisa), corporativismo, exaustão, dificuldade financeira, falta de perspectiva diante do cenário político, dificuldade de manutenção dos relacionamentos externos à academia (R16).

Falha na obtenção dos resultados almejados (R20).

Em relação às estratégias utilizadas pelos pós-graduandos para lidar com o que lhes traz desprazer ou mal estar, o tempo foi uma categoria de destaque, considerando que oito discentes (R1, R2, R6, R13, R15, R16, R18, R19) mencionaram meios de percebê-lo e de vivenciá-lo como uma estratégia para amenizar e enfrentar o sofrimento. Um dos relatos foi sobre a tentativa de realizar as atividades acadêmicas em tempo hábil (R1) para evitar o sofrimento, enquanto outros discentes (R2, R6, R13, R15, R16, R18, R19) citaram que dividir o tempo entre atividades acadêmicas e extra-acadêmicas, como praticar yoga, pedalar, meditar e conversar com pessoas que vivem a mesma realidade, revela-se como um meio de enfrentamento ao sofrimento.

Quando se vivencia emoções negativas, a tendência é de que o tempo esteja passando devagar, na situação contrária, a sensação é de que o tempo passa rápido (VASILE, 2015). Portanto, confirmando a literatura, uma boa administração do tempo pode favorecer ao bem estar dos discentes. Outras estratégias mencionadas foram o foco no tempo presente para esquecer as dificuldades vividas (R22) e a esperança e fé num futuro próspero a fim de amenizar os sofrimentos atuais (R5), evidenciando uma relação com a dimensão temporal da profundidade (BLUEDORN; JAUSSI, 2007). Esta dimensão revela e confirma que os indivíduos estão sincronizados com o tempo de diferentes formas, a depender da sua preferência e da compressão temporal, proposta pela sociedade contemporânea (PAIVA; SOUZA, 2016).

Outro ponto a destacar é a busca por trabalhar e/ou desenvolver resiliência mediante situações de sofrimento no trabalho acadêmico. Sete discentes (R1, R7, R10, R11, R14, R20, R23) mencionaram em suas falas diversas formas de como buscam tratar em seu interior situações de desprazer.

Sim, me afasto dos problemas que podem ser deixados de lado (R10)

Minha única estratégia é ignorar aquilo que pode ser ignorado (como as briguinhas de departamento), fazer a minha parte e torcer pelo melhor (R23).

Complementarmente, cinco respondentes (R9, R17, R21, R23, R25) relataram como uma estratégia defensiva as formas com que lidam com as pessoas de seu convívio, isto é, como eles tentam estabelecer as relações interpessoais dentro e fora do ambiente acadêmico.

Tento me enxergar em uma perspectiva mais abrangente, que não fique focada somente dentro do ambiente acadêmico e nas pessoas que estão ali dentro (R9).

Evito algumas relações e busco fortalecer as amizades (R17).

Choro, reclamo com a amiga e com o marido (R21).

Nesse sentido pode-se observar a preocupação dos discentes com a tentativa de não expansão dos seus problemas e sofrimentos para além do ambiente acadêmico. Foi relatada a necessidade de pedir apoio, seja ele psiquiátrico (R4), psicológico (R9, R17, R21, R23, R25), financeiro (R2, R5, R12, R14, R16, R23, R24) ou apoio dos pais (R2, R24). Como afirma Mendes (2007), por vezes, as estratégias defensivas para enfrentar o sofrimento podem expandir-se para o espaço privado, nas relações afetivas.

Também foi perguntado aos discentes o que lhes vêm à mente com a palavra pós-graduação e as respostas indicaram relação com período de aprendizagem – conhecimento (R18), aperfeiçoamento (R1), estudo (R15), meritocracia (R18), estudo (R19), profissionalização (R21), lugar de novas experiências e de formação (R25); com esforço - muito trabalho (R3), estudo e dedicação (R9), responsabilidades (R16) superação (R17), dedicação, esforço mental e superação (R19); e com expectativas futuras - alcance dos objetivos e uma carreira profissional adequada para o perfil (R4), tentativa de melhor carreira (R10), melhoria e crescimento intelectual (R11), reconhecimento e chance de emprego (R12), oportunidades (R16, R17) e avanço (R22). Houve relação direta com o sofrimento - período de muitas abdições, gastos (R2, R13), medo (R5), pressão (R8, R13, R18), descaso dos professores e assédio moral (R14), sobrecarga (R18), sacrifícios (R20), cansaço e tensão (R23, R24, R25), solidão e decepção (R25); e também com o prazer - realização do que se gosta (R6), liberdade (R7) e relativa autonomia (R16).

Diante das respostas dos estudantes percebe-se um esforço com intenções de uma recompensa no futuro e que esses esforços perpassam por muitas abdições e pressões, que acabam em grande parte se tornando fonte de sofrimento por trazer desgaste físico e mental, além do sentimento de medo do futuro, pois é nele que os discentes esperam o reconhecimento do esforço presente. Os relatos de prazer foram mais escassos na presente pesquisa e se relacionaram, majoritariamente, ao reconhecimento, à convivência com os amigos, à aquisição de conhecimentos e resultados positivos, à sensação de dever cumprido e às atividades que fogem do contexto acadêmico, porém estas lhes trazem culpa por estarem se dedicando a algo não ligado a sua produção acadêmica.

5 CONCLUSÃO

O objetivo proposto neste trabalho foi compreender as percepções de discentes de mestrado e doutorado em relação ao tempo, ao prazer e ao sofrimento vivenciados durante o período da pós-graduação. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo-hermenêutico considerando uma amostra de 25 pós-graduandos de diferentes áreas de conhecimento científico.

Diante dos relatos dos participantes da pesquisa é possível afirmar que a maioria deles se considera sem tempo para realizar as atividades que precisa ou gostaria, sejam elas acadêmicas ou extra-acadêmicas. Este fato contribui para alguns problemas que se vincularam a sentimentos de desprazer, como: estresse, culpa, pressão, ansiedade, irritação, frustração e exaustão mental. Verificou-se que, quanto à pontualidade, a maioria dos respondentes se autodeclarou pontual em compromissos como aulas, reuniões, encontros para orientação, estágio, mas quando se trata de entrega de atividades, por exemplo, esta pontualidade se mostra menos frequente. Em relação à polícronicidade, a maioria deles demonstrou a preferência por executar uma atividade de cada vez, embora essa preferência muitas vezes não

seja verificada diante da realidade que possuem. Sobre a velocidade houve um equilíbrio nas respostas, com destaque para as comparações que os respondentes fazem com os seus pares para então se definirem como rápidos ou lentos em suas atividades.

Quando questionados sobre a dimensão de profundidade temporal, a maioria dos respondentes mencionou projetar-se em relação ao futuro, atrelando sua insegurança ao que virá após a conclusão da pós-graduação e, concomitantemente, à expectativa de um futuro melhor. Por fim, na quinta e última dimensão temporal elencada por Bluedorn e Jaussi (2007), o arrastamento, a maioria dos discentes demonstrou que o ritmo que lhes é exigido está baseado em metas e prazos pré-determinados junto aos seus orientadores, professores e *deadlines* de eventos.

Adentrando aos questionamentos sobre vivências de prazer e sofrimento dos pós-graduandos, grande parte mencionou como fontes de prazer a convivência com amigos, a aquisição de conhecimentos e resultados positivos, a sensação de dever cumprido, o reconhecimento e as atividades que fogem do contexto acadêmico. Vale ressaltar que há relativização ou compensação em se permitir e viver situações de prazer fora do contexto acadêmico, o que não pode ser prejudicial ao rendimento na pós-graduação, caso contrário desconta-se o “tempo perdido” em noites sem dormir e compressão temporal.

Vale enfatizar, ainda, que há um equilíbrio quanto às expectativas criadas pelos discentes sobre a pós-graduação, de modo que alguns discentes mostraram consciência prévia sobre o que seria o mestrado e o doutorado, mas outros ficaram surpresos, negativamente, pela sua real experiência.

A principal fonte de sofrimento mencionada pelos respondentes foi cobrança e pressão por produtividade em um tempo que não necessariamente condiz com o que o discente pretende/consegue efetivar suas atividades. Além disso, a falta de dinheiro e o baixo valor da bolsa de estudos foram mencionados como fontes de desprazer e dificultadores da especialização com dedicação exclusiva. Contrapondo e, ao mesmo tempo, complementando o que os discentes falam sobre prazer, as relações interpessoais também são fontes de sofrimento, visto que há dificuldades nas relações professor-orientador-aluno, competição demasiada entre colegas, briga de egos e isolamento social.

As relações interpessoais também foram mencionadas como uma estratégia de enfrentamento ao sofrimento na pós-graduação à medida que os discentes tentam trabalhar a resiliência, bem como buscam apoio afetivo (familiar, psiquiátrico e psicológico) nos momentos de sofrimento. Complementarmente, a tentativa de fazer as atividades em tempo hábil, bem como de dividir o tempo entre atividades acadêmicas e não acadêmicas são meios de defesa ao sofrimento do público em questão.

Diante do exposto, a principal contribuição pragmática deste estudo refere-se à reflexão dos respondentes sobre suas atividades. Até que ponto vale o desgaste vivido, as abdições e frustrações (momento que traz o sofrimento) para realização das atividades e posterior reconhecimento do seu trabalho (momento que traz prazer)? E até que ponto deve-se depositar toda a esperança em um futuro mais prazeroso? Por fim, pode-se pontuar como limitação desta pesquisa a não realização de entrevistas presenciais, que complementariam os achados com anotações de diário de campo e com interação entre pesquisadores-pesquisados.

Para estudos posteriores, sugere-se: a) estudo sobre assédio moral associando tempo, prazer e sofrimento no contexto acadêmico, ao passo que foram descritas situações de arrogância, isolamento, humilhação, pressão, típicas de indivíduos que sofrem assédio no trabalho; b) comparar diferentes faixas etárias de pós-graduandos; e c) analisar como os professores e orientadores das instituições que oferecem pós-graduação percebem sua influência sobre as vivências de tempo, prazer e sofrimento dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALDERSON, M. La psycho dynamique du travail: objet, considérations épistémologiques, concepts et prémisses théoriques. *Santémentaleau Québec*, v. 29, n. 1, p. 243-260, 2004.
- ANDRADE, E.F.S.; OLIVEIRA, J.; MACCARI, E.A.; HOLLNAGEL, H. Inovação em um contexto isomórfico nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em administração. *Revista Gestão e Tecnologia*, v. 18, n. 2, p. 100-127, 2018.
- ANJOS, F.B.; MENDES, A.M. A Psicodinâmica do não-Trabalho: Estudo de caso com concurreiros. *Revista Laborativa*, v. 4, n. 1, p. 35-55, 2015.
- BARBOSA, J.K.D. *Temos todo tempo do mundo? Um estudo sobre percepções temporais e prazer e sofrimento com jovens trabalhadoras*. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BISPO, A.C.K. de A.; HELAL, D.H. A Dialética do Prazer e Sofrimento de Acadêmicos: um estudo com mestrados em Administração. *Revista de Administração FACES Journal*, v. 12, n. 4, 2013.
- BLUEDORN, A.C.; JAUSSE, K.S. Organizationally Relevant Dimensions of time across levels of analysis, In: DANSEREAU, F.; YAMMARINO, F.J. (orgs.), *Multi-Level Issues in Organizations and Time*. Research in multi-level issues – v.6, Elsevier, Oxford, p.187-223, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*. Plano Nacional de Pós-Graduação. Conselho Nacional de Pós-Graduação. *Anexos - I PNPGE. 2009*. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br>>. Acesso em maio/2018.
- BUTLER, R. Time in Organizations. *Organization Studies*, v. 16, n. 6, p. 925-950, 1995.
- CAPES - *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*. História e missão, 2018. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>. Acesso em julho/2018.
- CHANLAT, J.F. Por uma Antropologia da Condição Humana nas Organizações. In: CHANLAT, J.F. (coord), *O Indivíduo na Organização: dimensões esquecidas*, p. 21-45, v. I, 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 17, n. 3, p. 363-371, 2012.
- DEJOURS, C. Addendum – da Psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. *Cristophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, p. 49-105, 2008.
- DEJOURS, C. *A Loucura do trabalho*. 5 ed. São Paulo: Cortez, Oboré, 1992.
- DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.
- DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 3- ed. São Paulo: Atlas, p. 149-176, 1996.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise do prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FERREIRA, M.C.; MENDES, A.M. Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. *Revista Estudos de Psicologia*. v. 6, n. 1, p. 97-108, 2001.

GRISCI, C.L.I. Trabalho, tempo e subjetividade: impactos da reestruturação produtiva e o papel da psicologia nas organizações. *Psicologia: Ciência e profissão*, v. 19, n. 1, p. 2-13, 1999.

HASSARD, J. Imagens do tempo no trabalho e na organização. In: CLEGG, S. R., HARDY, C.; NORD, W. R.; CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. *Handbook de estudos organizacionais*, p. 190-216, v. 2. São Paulo: Atlas, 2001.

JÖNSSON, B. *Dez considerações sobre o tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 2004.

LOMBARDI, A.R.; HANASHIRO, D.M.M. Policronicidade no ambiente organizacional: uma visão conceitual. Encontro Nacional de Estudos Organizacionais - EnEO, 6, 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ANPAD, 2010.

MARTINS, C.B.; MACCARI, E.A.; STOROPOLI, J.E.; ANDRADE, R.O.B. Influência das estratégias e recursos para o desenvolvimento dos programas de pós-graduação da área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo no período de 2001 a 2009. *Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL*, v. 6, n.3, p. 146-168, 2013.

MELLO, H.D.A.; TONELLI, M.J. O tempo e as organizações: Concepções do tempo em periódicos de Estudos Organizacionais. *Anais do II Eneo*, ANPAD, Recife, 2002a.

MELLO, H.D.A.; TONELLI, M.J. Tempo é dinheiro? A construção do tempo na administração contemporânea. *Anais do XXVI EnANPAD*, ANPAD, Salvador, 2002b.

MENDES, A.M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, A.M. (org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 29-48, 2007.

MENDES, A.M.; TAMAYO, A. Valores organizacionais e prazer sofrimento no trabalho. *Psico-USF*, v. 6, n. 1, p. 39-46, 2001.

MORIN, E. Os sentidos do trabalho. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, EA-ESP/FGV, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.

PAIVA, K.C.M.; SOUZA, C.M.O. Time perception: A study of young Brazilian workers. *Tourism & Management Studies*, v. 12, n. 1, p. 203-210, 2016.

PAIVA, K.C.M.; PINTO, D.L.; DUTRA, M.R.S.; ROQUETE, R.F. Quanto Tempo o Tempo Tem? Um estudo sobre o(s) tempo(s) de gestores do varejo em Belo Horizonte (MG). *Organizações & Sociedade*, v.18, n.59, p. 661-679, 2011.

SANTOS, A.L.F.; AZEVEDO, J.M.L. A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional: os contornos da constituição de um campo acadêmico. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 42, p. 534-550, 2009.

SOUZA, J.A.; FADEL, C.B.; FERRACIOLI, M.U. Estresse no cotidiano acadêmico: um estudo com pós-graduandos em Odontologia. *Revista da ABENO*, v. 16, n. 1, p. 50-60, 2016.

UCHIDA, S. Trabalho informatizado e sofrimento psíquico. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 179-204, 1998.

VASILE, C. Time perception, cognitive correlates, age and emotions. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, v. 187, n. 5, p. 695-699, 2015.

VERGARA, S.C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2009.

VERGARA, S.C.; VIEIRA, M.M.F. Sobre a dimensão tempo-espaço na análise organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 9, n. 2, p. 103-119, 2005.

WHITROW, G. J. *O que é o tempo? Uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.